

Festas Nicolinas

PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1962

pelo aluno do 7.º ano do LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

José Maria de Oliveira Ribeiro de Almeida

Rebentam gargalhadas pelo ar
Em sons de caixa com viva exultância
É São Nicolau que vai a passar
Fazei-lhe todos vossa reverência.

A Graça disse ao Riso: «Vem daí!»
E vieram os dois para a nossa festa
E hoje meus Senhores, ei-los aqui,
Observai-os, nada mais vos resta.

Andam funâmbulos ébrios no espaço
E a tarde parece palha a arder
Na minha própria voz há um palhaço
Que ri e chora não sabe o que fazer.

Nossa Festa é um canto de vitória
De mocidade em flor e inteligência
E é tão velhinha que... reza a História
Tem tresentos anos de existência.

A História é bela e longa como um rasto
Uma outra Via Láctea cintilante
Na qual cada herói é como um astro
A espargir sua luz no céu distante.

Quem foram os primeiros Nicolinos?
Sabe-se lá! Não há quem o calcule
Entes superiores quase divinos
Envoltos hoje em vasta bruma azul.

E a História continua mais à beira...
Chega-se por fim ao Ressurgimento
E há cronistas do Bráulio e mais do Melro
E outros de que já há conhecimento.

Jerónimo Sampaio que domina
E que se impõe ainda mesmo ausente;
O notável e douto Zé de Pina
A figura do mestre paciente.

Leão Martins que em verso foi alguém
E outros tantos... pleiade sem fim!
Lembro o último a partir para o Além
O grande e inspiradíssimo Delfim.

Mas a História é feita do presente
Que se torna passado a cada instante
Há por isso quem viva actualmente
E já na História tem lugar marcante.

Agora os novos de alas bem abertas
Perante o seu exemplo e conselhos
Põem ao alto em arco as maçanetas
E então sob elas vão passando os Velhos.

Por ordem aí vão: Mendes Simões,
Flores, Cardoso, Almeida e Adelino
E outros tantos, insígnies varões
Como o Helder Rocha e mais o Antonino

Depois o Bourbon, o Mário galhofeiro
E os Emílios (o Zé mais o António)
Gomes Alves, Carvalho e... um tal Carneiro
Todos sócios do velho Pandemónio.

A nossa vénia mais culta e respeitosa
A nossos mestres, um inclico escol
Vossa missão é árdua e espinhosa
Gerar na treva a luz do próprio sol!

Sem vós, nós não teríamos caminhos
Que nos levassem ao ponto que sonhamos
Impossível seria irmos sózinhos
Caros mestres! Bem gratos vos estamos.

E tu Minerva, ó deusa sabedora
Que ao estudo tanto nos exortas
Diz à irmã Diana, a caçadora
Mate as raposas todas lá nas Hortas.

Nós não reivindicamos coisa alguma
Que a tanto a nossa força não se atreve
Mas calcular, nem sempre é mau que em suma
Também pode bem ser que seja greve.

Saúdo agora a nobre edildade
Nem dinamismo sempre incipiente
Executa-se quando se projecta
Muito embora por vezes... lentamente.

Guimarães cresce! Alargam-se as barreiras!
Num forte impulso tudo é renovado
S. Dâmaso fez a trouxa e às carreiras
Foi pôr o seu templo na Feira do Gado.

É logo os Santos Passos com inveja
Pensaram em lavar o rosto esguio
Uma onda de progresso rumoreja
E tudo arrasta qual caudal de um rio.

Monumental torreão vai finalmente
Pimenta levantar, mas talvez possa
Haver por aí muita, ainda muita gente
Que preferisse... o tasco da Pescaço

E já na Penha temos a Sacor
C'uma estação de luxo, coisa fina
Mas antes de algum auto (que pavor!)
Meteu lá muita gente... gasolina.

Olhem para a Alameda, que maravilha
De um moderno urbanista, um outro Eiffel
Olhem que luz fantástica não brilha
No Castelo, Palácio e São Miguel.

Olhem como por fim fiéis a um plano
Vão por diante as obras do Estádio!...
Olhem Guásterianas para o ano...
'Spero que não fiquem em festas da Rádio!...

A própria sociedade evoluiu
Com bons clubes, uns dois, isto até ver
Pois um Convívio assim nunca existiu
E uma Assembleia... Agora é que vai ser...

Vestidos à cai-cai e asas de grilo
Em bailes de dar brado aos sete ventos
E como efeito natural de tudo aquilo
Iráo multiplicar-se os casamentos.

Chorai, chorai, amigos meus,
O detective, rei dos cassetetes,
Desapareceu, lá se foi com Deus
Já não há mais ladrões com joanetas!

Uma caçada aos cães em Guimarães
Alta noite vale a pena ver
Tratados como leões os pobres cães
P'ra Protectora gritam a valer

O escândalo correu pela cidade
E toda a gente ficou então surpresa
O canteiro do linho, na verdade,
Fora palco da mais audaz proeza

Casal de excursionistas resolvera
Num instante inconstante e violento
Fazer o que o diabo não fizera...
Dançando sobre o linho um samba lento.

Porém no dia a dia cidadão
Igual falta de guardas se observa
O garotio em louco desatino
Grita e salta, rebola-se na erva

Que saudades dos tempos dos cafés
Cheios de luz e sem televisão
Em que às noites o impávido freguês
Conversava, fazendo a digestão.

Hoje os cafés são sítios detestáveis
Ao perder a função inicial
Só bons para os amores intoleráveis
De modernos parzinhos mais que tal.

Um tal Conquistador teve mau fim
Porque afinal foi ele o conquistado
Nem o mais torpe e mísero pasquim
Acabaria assim tão mal tratado.

A seu favor só mil e tal escudos
A defender desguarnecida praça
Mas a lembrar seus feitos façanhudos
Há agora quem mais conquistas faça.

Nova Zembla, Deserto de Nevada...
A loucura dos homens em acção;
«Ou Cuba ou eu...!» Sem grande trapalhada
Que gradíssima e enorme confusão!

Assim se agita e compromete
Perante Deus que o fez racional
Tendo apenas vaidade no Topete
E uma força estúpida e brutal.

Nikita e John — os megatoneladas
Lá se entendem, contudo, mais ou menos
E bem vistas as coisas, bem pensadas
É caso para dizermos: «Ai dos pequenos! ...»

Rapazinhos do peso e mais do metro
Futricas de qualquer officio ou arte
Os estatutos dizem: «Vade retro»
Não podeis, pois, nas Festas tomar parte.

A lei é dura mas... sabeis o resto
Que a frase está demais já divulgada
Não queirais dar o corpo ao manifesto
Que a lei se cumpra à força de mocada.

Magas do corte, ó vós representantes
Das artes de Bobone à nossa beira
Vossos sorrisos, sedas faiscentes
Vestem de amor a nossa vida inteira.

Costurai sempre nesse atelier
Do vosso gosto, assim vestidos caros!
Mas ao fazer as contas, já se vê,
Não vos façais pagar pelos preparos.

Porém, ó costureiras não sómente
De sorrisos, amor pode viver,
Sentimento tão forte e envolvente
Precisa de algo mais... está-se a ver!

Pela estrada da vida, de mão dada
Aos pares caminhemos sempre em frente
E quando não passar ninguém na estrada,
Chegai-vos mais ainda um pouco à gente.

Mestras do toucador, cabeleireiras
Do Soares, Aguiar e outros salões!
Vós sois as mais recentes mensageiras
Do Deus Cupido em nossos corações.

Vós sois o último grito do desejo
De prender a beleza em nossos braços
Dai-nos por isso, ó belas, o ensejo...
Acabem-se entre nós quaisquer espaços

Vai o pregão aos poucos para o fim
Verso a verso nas formas mais discretas
(adiante renascerá, porém)... assim
Murchar no campo, à tarde as violetas.

Antes porém eu pretendo que se ouça
Tal num lago, de um cisne o doce canto
A voz do pregoeiro, ainda moça
Vibrar, num hino, o mais sincero e santo.

Damas! Nossa postura é de joelhos
A vossos pés, beijando-vos as mãos
Amanhã ireis ter os pomos vermelhos
Oferta nossa, os vossos cortesãos.

O sonho de vos ter assim tão perto
Dá-nos na realidade uma esperança
Amanhã vosso amor virá de certo
Entre as fitas, às cores, da nossa lança.

Atenção vós, Soldados de Minerva,
P'ra quem não há batalhas ruins, difíceis!
Rompel com esta paz que tanto enerva
E mandai para o ar os vossos mísseis.

Depois de um outro Cabo Canaveral
Zabunbando com todo o desassombro
Adiantai-vos na luta espacial
Pondo em órbita o astronauta BOMBO.

Dezembro de 62

JOAQUIM DO AMARAL PEREIRA DA SILVA

Visado pela Censura